

“MAPAS INVISÍVEIS: A CIDADE E A ARTE”



Joaquim Netto*
artebr.joaquim@gmail.com

A Exposição “Mapas Invisíveis”, estará aberta para visitação na Galeria 1 - Caixa Cultural – Rio de Janeiro, no período de 23/11/2010 a 05/01/2011. Com curadoria de Daniela Name, a mostra reúne 11 artistas e 1 coletivo: Alexandre Vogler, Angelo Venosa, Anna Bella Geiger, Daniel Senise, Daisy Xavier, Luiz Alphonsus, Luiza Baldan, Paulo Vivacqua, Rosangela Rennó, Suzana Queiroga, Thiago Rocha Pitta e Opavivará.

Em “Mapas Invisíveis”, Name, como numa tapeçaria, numa renda, numa trama, cujos motivos puxam, separam, unem, enlaçam e cruzam os fios, configura um desenho ou mapa onde busca compreender “experiências vividas” em regiões distintas, cujo pano de fundo é o dia-a-dia, ou seja, o cotidiano de bairros e regiões do Rio de Janeiro. Em seguida, Name alia o seu olhar curatorial a um pensamento que desmancha o tecido da tradição da razão, da linearidade, puxando seus fios com argumentos sobre não-coincidências e irrazões.

Os trabalhos dos 11 artistas e de um coletivo são movidos por intencionalidades distintas explorando a experiência urbana numa dimensão associada ao processo de criação artística. Assim, estes artistas reiventam a cidade apontando para direções da consciência, em busca de compreender ou se relacionar com o seu entorno – a cidade, o mundo. É mediante a intencionalidade de consciências que todos os atos e gestos ganham um significado neste território.

A idéia de mapa presente no título da exposição dá existência visível àquilo que pode ser invisível para uma visão descomprometida. Desta forma, mesmo as impressões quase imperceptíveis dão alguma coisa a ser vista. No conjunto da mostra, os elementos, as obras são atos significantes que se definem como diversas intenções encarregadas pela forma, ou estado material destes trabalhos.

Em Mapas Invisíveis não podemos deixar nada de fora, pois a estrutura da mostra não esta apenas no visível, no conjunto dos trabalhos desses artistas, mas no próprio conteúdo material sobre o qual se exerce cada “ponto de vista”, cada experiência. O território e suas localizações aparecem num contexto relacional, onde a fragmentação é algo que une alteridade.

*Joaquim Cesar da Veiga Netto é doutorando em história e crítica da arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ.